

MODIFICAÇÕES ANATÔMICAS E FISIOLÓGICAS NAS IDOSAS NO CLIMATÉRIO E O IMPACTO DESTAS NO COTIDIANO.

Quezia Oliveira Chaves ¹
Anne Karolline Rangel Rebouças ²
Gabrielle Bezerra dos Santos ³
Suênia Silva de Mesquita Xavier ⁴

RESUMO

O climatério caracteriza-se como um período de transição na vida da mulher, no qual esta passará da sua fase reprodutiva para a não-reprodutiva. As alterações acarretadas por esse fenômeno juntamente com as limitações advindas do envelhecimento irão culminar em uma série de impactos na qualidade de vida da mulher. Partindo desse pressuposto, este estudo tem por objetivo, realizar um apanhado das mais frequentes modificações anatômicas e fisiológicas, provenientes do climatério, e seus impactos no cotidiano da mulher idosa, citados na literatura. Para atingir tal objetivo foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados, utilizando os descritores: Climatério, Anatomia, Fisiologia, Sistema urogenital, Idosos, Saúde da mulher. Com isso, obteve-se como resultado que o climatério é uma etapa da vida da mulher muito complexa e rica em mudanças nos mais diversos sistemas do corpo, em resposta a reduzida presença do estrogênio. Dentre estas modificações, as encontradas com maior incidência neste estudo foram as geniturinárias, vasomotoras, ósea, neuropsicológicas e cardiocirculatórias. Os impactos decorrentes destas podem abalar diretamente a sexualidade, autoimagem, humor/emoções, convívio interpessoal e qualidade de vida dessas idosas. Concluindo-se que é necessário um acompanhamento multiprofissional adequado em todos os níveis de cuidados.

Palavras-chave: Climatério, Idoso, Anatomia, Fisiologia, Impactos do climatério.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade no cenário mundial. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, a população de idosos no Brasil cresceu 18% nos últimos 5 anos, tornando-se um grupo etário cada vez mais expressivo e representativo. Nessa população cada vez mais significativa, as mulheres são maioria compondo 56% desse grupo. A expectativa de vida dessa população feminina brasileira é de 72,4 anos (BRASIL, 2018).

¹ Graduando do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, queziaoc2014@gmail.com;

² Graduando do Curso enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, anne_karollinne@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, gabriellebezerras@gmail.com;

⁴ Orientadora, Professora Doutora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sueniamesquita@yahoo.com.br .

O envelhecimento biológico está associado a combinação de variados danos e modificações moleculares e celulares no organismo, nos quais com o decorrer dos anos acarretam uma perda gradativa nos depósitos fisiológicos do corpo, decaimento nas capacidades próprias do organismo do indivíduo e maior suscetibilidade de adquirir inúmeras patologias. Para as mulheres, além de todas essas mudanças inerentes a idade, também enfrenta-se os sinais e sintomas causados pelo climatério. Cerca de 50% a 70% das mulheres sofrem com os sintomas e dificuldades do climatério, impactando diretamente com a sua qualidade de vida nessa fase (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

O climatério compreende ao período, que pode variar dos 40 aos 65 anos de idade, no qual pode ser definido como um fenômeno progressivo da diminuição da síntese do estradiol pelos ovários e redução da fertilidade. Assim, é entendido como o estágio entre o encerramento da vida reprodutiva da mulher até a senilidade. Durante esse período ocorre a interrupção da menstruação, que quando perdura por 12 meses consecutivos de amenorreia caracteriza a menopausa (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2010).

A Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, em seu Manual de Orientação em Climatério de 2010, afirma que a idade em que a mulher entra na menopausa é pré-determinada geneticamente, de acordo com a quantidade de folículos ovarianos que se desenvolverem durante o período embrionário e no decorrer do ciclo de vida. Porém, essa idade de entrada na menopausa pode sofrer variação na qual caracterizará a menopausa precoce, se ocorrer antes dos 40 anos ou tardia, se depois dos 55 anos. Existem fatores que interferem para esta divergência, dentre eles, têm-se: tabagismo, número de partos, fatores sociais e econômicos, hábitos nutricionais e altitude (PITOMBEIRA et al., 2011; FERREIRA et al., 2015).

As queixas geralmente relatadas pelas mulheres climatéricas estão relacionadas a diminuição dos níveis hormonais, modificações morfofuncionais e alterações em sistemas afetados pela ação hormonal, como por exemplo, o sistema cardiovascular e ósseo. Porém, como já mencionado, diversos outros elementos podem influenciar nesse quadro. Alguns estudos já trazem que os sintomas como depressão do humor, labilidade emocional e dificuldades na cognição também sofrem interferência de aspectos culturais, psicológicos e sociais (LORENZI et al., 2009).

As variações hormonais nesse período decorrente da falência ovariana e de alterações na modulação do eixo hipotálamo-hipófise-ovário são responsáveis principalmente pelos

relatos corporais destas pacientes. A baixa do nível de estrogênio e outros esteroides estão ligados a alterações no metabolismo ósseo resultando em uma maior desmineralização que ocasionará uma baixa massa óssea, fragilidade esquelética e até mesmo osteoporose. Em extensão desse processo também acontecem comprometimentos dentário que facilitam infecções e cáries (RODRIGUES et al., 2016).

Já os comprometimentos cardiovasculares são provocados pela resposta do metabolismo lipídico a queda da concentração do estrogênio, uma vez que, as apolipoproteínas são influenciadas por este. Como resposta, a concentração circulante de LDL (lipoproteína de baixa densidade) aumenta e de HDL (lipoproteína de alta densidade) diminuem após a menopausa, sendo um potencial fator aterosclerótico e um acentuador do risco de patologias cardio e neurovasculares isquêmicas. Por sua vez, mas não menos importantes, distúrbios urogenitais também podem levar a atrofia vulvar, dispareunia, secura vaginal, prolapsos genitais, infecções recorrentes dentre outros. Também acontecem comprometimentos tegumentares, mamários, visuais, estéticos e psicológicos (MEIRELLES, 2014; REMA et. al., 2017).

O climatério e a menopausa ainda são negligenciados nos assuntos de saúde pública, na atenção prestada pelos profissionais e nas políticas e programas de saúde. Vários são os fatores que contribuem para o apagamento desse tema. Historicamente, devido a baixa expectativa de vida da população feminina, poucas mulheres chegavam ao fim da sua vida reprodutiva e conseqüentemente a menopausa. Por isso, pouco se entendia sobre as novas demandas desse estágio da vida da mulher, e não se via a necessidade de dar-se atenção. Também pode-se citar a falta de recursos para investimentos em políticas e preparo dos profissionais para atender essa população, visto que, principalmente em países em desenvolvimento, essa nova demanda compete com outros problemas de saúde pública (SILVA et al.2016).

O cenário populacional, advindo da histórica transição demográfica, exige, cada vez mais, a compreensão acerca das particularidades desta etapa da vida da mulher. Além disso, dois terços das mulheres buscam, junto à equipe multiprofissional, assistência e orientação a fim de entender episódios que evidenciam tais transformações, o que enfatiza a indispensabilidade de um planejamento direcionado a uma assistência individualizada e holística (LORENZI et al., 2009).

Nesse sentido, o presente estudo objetiva realizar um apanhado das mais frequentes modificações anatômicas e fisiológicas, provenientes do climatério, e seus impactos no

cotidiano da mulher idosa, citados na literatura. Dessa forma, será disponibilizado um compilado científico para aprimorar os cuidados oferecidos, pelos profissionais, a essa população.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este tipo de estudo vem ganhando notoriedade internacional na Enfermagem, como também, nas práticas baseadas em evidências. Sendo assim, a revisão integrativa tem como principal objetivo revisar, analisar e sintetizar a literatura sobre determinado tema de maneira integrada e capaz de gerar novas abordagens e perspectivas ao se avaliar as potencialidades e limitações do assunto em questão (SOARES et al., 2014).

Este estudo foi desenvolvido em etapas no qual se iniciou com a definição da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; seguindo para uma análise prévia dos texto para certificar que o trabalho discorria sobre o tema proposto; e finalizou-se com a leitura completa dos artigos, interpretação e apresentação da síntese do que foi encontrado. O estudo traz como questão de pesquisa: “Quais são as mais frequentes alterações anatômicas e fisiológicas nas mulheres idosas no climatério e seus impactos no dia-a-dia?”

A coleta de dados foi realizada nos meses de abril e maio de 2019. Para reduzir a possibilidade de vieses, os artigos foram coletados por duas pesquisadoras. As bases de dados acessadas foram: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), ambas acessadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Quanto aos critérios de inclusão, selecionou-se pesquisas disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol, sem definição de período de publicação. Excluíram-se as teses e dissertações, pesquisas duplicadas nas bases de dados e que fugiam da temática.

Para realizar a busca na literatura foram utilizados os seguintes descritores em saúde (DeCs): “Climatério”; “Anatomia”; “Fisiologia”; “Sistema urogenital”; “Idosos”; “Saúde da mulher”. A combinação entre as palavras-chave foi realizada por meio do operador booleano “AND”.

A partir desses descritores, realizou-se 3 associações entre eles. Em um primeiro momento, inseriu-se as palavras-chave: “Sistema urogenital”; “Saúde da mulher”; “Idosos”, obtendo-se 21 artigos. Em seguida, combinou-se “Anatomia”; “Climatério”; “Idosos”,

totalizando 1 artigo. E, por fim, no 3º cruzamento, utilizou-se “Fisiologia”; “Climatério”; “Idosos”, encontrando 38 artigos. Realizando o somatório dos artigos obtidos foram 60. Estes foram submetidos à leitura e análise seguindo o rigor metodológico da revisão integrativa, restando 8 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo os critérios de inclusão e exclusão, restaram, ao total, 8 artigos, os quais foram descritos no quadro 1 em relação ao título, resultados e ano de publicação. Percebeu-se, assim, que os artigos variavam os intervalos de tempo, sendo o mais recente de 2017 e o mais antigo de 2008. O ano de 2012 foi o que mais apresentou artigos sobre a temática.

Quadro 1- Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa após análise final.

Nº/TÍTULO	RESULTADOS	ANO
1. Genitourinary syndrome of menopause in five Asian countries: results from the Pan-Asian REVIVE survey	Os sintomas mais comuns foram secura vaginal (57%) e irritação (43%). SGM teve o maior impacto no prazer sexual (65%) e intimidade (61%). Apenas 21% tinham sido diagnosticados clinicamente com GSM.	2017
2. Avaliação da Função Endotelial em Mulheres Climatéricas com Doença Arterial Coronariana.	O acometimento de sexo feminino pela DAC é de início tipicamente tardio, principalmente após o climatério. Elevação da incidência de DAC com o avançar da idade e climatério.	2016
3. Genitourinary syndrome of menopause: new terminology for vulvovaginal atrophy from the International Society for the Study of Women’s Sexual Health and the North American Menopause Society.	Mudança do termo atrofia vulvovaginal para síndrome geniturinária da menopausa (GSM). Principais sintomas da GMS: alterações nos grandes/menores lábios, clítoris vestibulo, vagina, uretra e bexiga, sintomas genitais de secura, queimação e irritação; sintomas sexuais de falta de lubrificação, desconforto ou dor e função prejudicada; e sintomas urinários de urgência, disúria e recorrência infecções do trato urinário . As mulheres podem apresentar alguns ou todos os sinais e sintomas.	2014
4. Osteoporose no climatério I: epidemiologia, definição, rastreamento e diagnóstico.	A incidência pode variar de 14% a 29% em mulheres com mais de 50 anos e chegando até 73% em mulheres com idade acima de 80 anos.	2012
5. Influência dos sintomas climatéricos sobre a função sexual de mulheres de meia-idade.	67% das mulheres apresentaram risco de disfunção sexual. Os domínios excitação, orgasmo e dor foram os que mais contribuíram para a baixa no escore. As mulheres com maior risco de disfunção sexual possuem mais elevada chance de terem fogachos, humor depressivo, ressecamento vaginal e etc.	2012

Quadro 1- Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa após análise final (continuação).

6. Factor structure and normative data of the Greene Climacteric Scale among postmenopausal Portuguese women.	Os sintomas vasomotores (afrontamentos e suores noturnos) foram mais frequentemente experimentados pelo grupo etário mais jovem (47-57 anos), enquanto que os sintomas inespecíficos (por exemplo, dificuldade em concentração, cansaço ou falta de energia, dificuldades respiratórias) foram referidos mais frequentemente pela população de idade mais avançada.	2012
7. O impacto do dia-a-dia do envelhecimento urogenital: perspectivas de mulheres raciais/eticamente diversas.	Os sintomas afetaram principalmente o prazer e desejo sexual, atividades cotidianas, relações interpessoais e a autoimagem. Também houve associação dos sintomas com a perda da feminilidade. Relatos de sentimento de depressão, constrangimento e frustração.	2010
8. Depoimentos de mulheres sobre a menopausa e o tratamento de seus sintomas.	As principais categorias de análise identificadas foram: insegurança/confusão, com as principais ideias referentes a angústia, estresse e dúvidas sobre a menopausa; sintomas que provocam sentimentos negativos, como ondas de calor, secura vaginal e alterações de humor.	2008

Fonte: própria da pesquisa.

A maior parte dos estudos são internacionais e correspondiam principalmente à área médica, enquanto que os nacionais pertenciam a área da enfermagem. Este dado é importante, pois expõe a relevância e a autonomia que a enfermagem possui na área de saúde da mulher, uma vez que são estes profissionais que atendem às mulheres no climatério ou menopausa e prescrevem cuidados e medicamentos no âmbito da atenção primária à saúde (SILVA et al., 2016).

Em sua maioria os trabalhos integrados na revisão abordam sobre as principais modificações corporais, sinais e sintomas, queixas e dificuldades enfrentadas por essas mulheres climatéricas. Isso demonstra que a presença significativa desses eventos no cotidiano dessas idosas, a procura destas pelos serviços de saúde e a necessidade dos profissionais em entender essas mulheres, têm alavancado as pesquisas na área da saúde da mulher sobre esse tema.

Pôde-se notar também, que muitos estudos desenvolvidos mencionam efeitos e eficácia da terapia de reposição hormonal nos sintomas da Síndrome Geniturinária da Menopausa (GSM). Com isso, nota-se a preocupação em encontrar medidas eficazes para proporcionar alívio das queixas e melhora do bem-estar no dia-a-dia desse público. Verificou-se a predominância de estudos que buscaram envolver a população diretamente, o que favoreceu o desenvolvimento de conhecimentos nessa área (RAPOSO et al., 2012).

No que diz respeito às alterações anatomofisiológicas, os artigos abordam que a mulher experimenta mudanças em variados órgão e sistemas. Estas por sua vez, podem aparecer precocemente ou tardiamente. Frequentemente os primeiros sintomas que surgem

são as flutuações no padrão menstrual já em resposta a esse novo ambiente hormonal. Subsequentemente, são atribuídos sintomas vasomotores caracterizados pelos fogachos e suores noturnos. Os fogachos são ondas de calor súbitas e passageiras que surgem na parte superior do tronco e ascendem para a cabeça e face (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2010).

Em concordância, Selbac, et al. (2018) traz em seu trabalho que a sua fisiopatologia aparentemente está atrelada ao hipoestrogenismo no qual este causa uma oscilação nos neurotransmissores dopamina e noradrenalina interferindo na regulação térmica. Descreve também que juntamente a esses calorões sucedem episódios de palpitações, vertigem, cefaleia e agitação, ocorrendo em torno de 80% das mulheres.

As mudanças urogenitais são mais prevalentes na fase tardia. Outrora o conjunto dessas manifestações era denominado atrofia vulvovaginal, porém, viu-se a necessidade de rever o termo pois este não abrangia satisfatoriamente toda a complexidade do quadro. Portanto, a partir de 2014, a nova terminologia aprovada e usada é Síndrome Geniturinária da Menopausa (GMS). Na GMS verifica-se a associação de sintomas como urgência e incontinência urinária, atrofia vulvar e de componentes do sistema urinário (uretra e do trígono vesical), dispareunia, disúria, ressecamento vaginal, Prolapsos de Órgão Pélvicos (POP), Infecções Urinárias (ITU) recorrente, polaciúria, dentre outros. Todos os sintomas acima citados decorrem da reduzida síntese de estrogênio, pois, as estruturas anatômicas envolvidas são influenciadas por esse hormônio (PORTMAN et al., 2014).

Contudo, Giri, et al. (2015) apresentou em seu trabalho que o POP, apesar de afetar 40% das mulheres menopausadas, possui um determinante genético, principalmente em prolapsos mais avançados. Chua, et al. (2017) descreve em seu estudo que na população de 638 mulheres estudadas apenas 25% destas haviam comentado sobre os sintomas menopausais com algum profissional de saúde, e que mais da metade (64%) dessas discussões tinham sido iniciadas pelas pacientes. Declara também que apenas 21% receberam diagnóstico clínico de GMS.

O sistema cardiovascular é outro afetado pela diminuída biossíntese estrogênica. Os impactos nesse sistema decorrem pelo fato do estrogênio possuir uma ação antioxidante impedindo a formação de radicais livre e oxidação do LDL-c, e assim, atenuando o processo aterosclerótico no endotélio. Sendo assim, na carência do hormônio, o endotélio sofre disfunções que podem resultar em patologias vasculares. Selbac et al. (2018) ressalta o

estrogênio como um importante protetor das fibras colágenas cardíacas, uma vez que está envolvido na produção do colágeno.

Estudos evidenciam a incidência de Doença Arterial Coronariana (DAC) em idades mais avançadas e no climatério, e a prevalência em mulheres após a menopausa chega a 36%. Concomitante a esse aspecto hormonal existem outros fatores que são coadjuvantes como: a mudança no estilo de vida com a diminuição de atividades físicas decorrente das limitações da idade, diminuição do metabolismo basal, piora nos hábitos alimentares e depressão (FARIAS et al., 2017).

Sendo também, o estrogênio, um importante modulador no metabolismo ósseo, está envolvido diretamente com a regulação das células responsáveis pela reabsorção ou regeneração dos ossos. Quando se encontra em menor concentração desencadeia uma baixa na atividade dos osteoblastos e aumento na dos osteoclastos, levando a uma maior desmineralização, que pode culminar em osteopenia e osteoporose. O fêmur e a coluna vertebral são os mais acometidos, elevando do risco de quedas e fraturas (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2010). Rodrigues et al. (2016) reafirmam em seu trabalho que a menopausa e o seu tempo de instalação são fatores determinantes na osteoporose tipo I (tipo pós-menopausa). A sua incidência pode variar de 14% a 29% em mulheres com mais de 50 anos, podendo chegar a 73% na população acima de 80 anos (FONTES et al., 2012).

Por sua vez, os acometimentos neurológicos vão decorrer da baixa ação dos hormônios esteroides no cérebro. Na fase reprodutiva da mulher os hormônios vão desenvolver funções marcantes na síntese e reparo neuronal, sendo responsáveis não apenas por atribuições da fisiologia gonadal ou do comportamento sexual. Durante o climatério o novo quadro hormonal vai refletir na cognição, memória e processamento de informações (MELO et al., 2017).

Porém, muitos dos impactos dessas mudanças ainda não são totalmente entendidos e difíceis de defini-los com exatidão. Segundo Valadares et al. (2008) as consequências psicológicas no climatério são difíceis de delimitar, pois precisa ser analisado o comportamento antes da menopausa e a interação de questões culturais, sociais, nível de conhecimento e outros. As queixas mais habituais nesse quesito é a irritabilidade, depressão, ansiedade, insônia e outros. Essas reclamações são a segunda maior causa de procura por orientação médica (PITOMBEIRA et al., 2011).

Todas essas transformações físicas e psicológicas na mulher, provocarão impactos no seu cotidiano. Os principais âmbitos comprometidos são sexualidade, relações interpessoais, humor e emoções, desempenho em atividades cotidianas e autoimagem corporal. A diminuição do desejo e prazer sexual, as mudanças corporais, os conflitos com o parceiro contribuem para o sentimento de perda da feminilidade, baixa autoestima, angústia e até depressão (HUANG et al., 2010; CABRAL et al., 2012). Em estudos desenvolvidos que avaliam esses impactos na vidas das mulheres climatéricas constatou-se que 31,4% sentiam-se tristes e/ou angustiadas, 43,4% apresentaram feitiços de choro, 66,6% relataram perda de interesse sexual e , em outro estudo desenvolvido no estado de São Paulo, 50% das mulheres sentem-se depressivas (RAPOSO et al., 2012); (FERREIRA et al., 2015).

Frente a esses inúmeros problemas o tratamento com a reposição hormonal vem como opção na tentativa de amenizar os sintomas que impactam diretamente na qualidade de vida da mulher idosa. Sendo assim, essa terapêutica é uma das mais utilizadas na clínica. A terapia de reposição hormonal (TRH), é realizada através da administração de hormônios estrógenos e progestógenos isolados ou combinados, tendo indicação principal a redução dos sintomas menopáusicos. É uma terapia segura e efetiva, de acordo com as evidências dos estudos, se realizada com orientação profissional e segurança (SILVA et al., 2019).

Com o aumento da expectativa de vida na população mundial, é de indispensável importância preservar a saúde e qualidade de vida. No climatério, isso torna-se um desafio frente todas as mudanças que a idosa sofre, porém, ela não deve enfrentar essas dificuldades sozinha. A equipe multiprofissional, familiares e amigos devem constituir um ponto de apoio para esta. E, apesar de todos esses percalços, a mulher climatérica na idade avançada pode usufruir de uma vida com qualidade e realizações (SELBAC et al., 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências encontradas na literatura apontam, em consonância, que o climatério é uma etapa da vida da mulher em que esta passa por inúmeras mudanças físicas, psicológicas e sociais e por isso demanda tanta importância quanto o seu período reprodutivo. Dentre as alterações, as que aparecem mais constantemente relacionadas às queixas das mulheres, estão as do sistema urogenital, vasomotor e neurológico. Porém, durante a revisão notou-se a deficiência de pesquisas em outras áreas que não fosse a médica.

Sendo assim, é fundamental que a equipe multiprofissional compreenda a paciente em sua multifatoriedade, atentando para suas queixas, para que assim possa ofertar uma assistência holística e humanizada por meio da promoção, prevenção e tratamento adequados dos sintomas, garantindo o bem-estar e a qualidade de vida da mulher idosa. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um importante papel assistencial à saúde da mulher na atenção primária, realizando intervenções educativas, prescrições e cuidados.

REFERÊNCIAS

CABRAL, P. U. L. *et al.* Influência dos sintomas climatéricos sobre a função sexual de mulheres de meia-idade. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 7, p. 329-334, jul. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010072032012000700007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 de maio de 2019.

CHUA, Y. *et al.* Genitourinary syndrome of menopause in five Asian countries: results from the Pan-Asian REVIVE survey. **Climateric**, p. 367-373. abr. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13697137.2017.1315091>. Acesso em 23 maio 2019.

CREMA, I. L. *et al.* Repercussões da Menopausa para a Sexualidade de Idosas: revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Minas Gerais, v. 37, n. 3, p.753-769, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n3/1982-3703-pcp-37-3-0753.pdf>. Acessado em 18 de maio de 2019.

FARIAS, W. K. S *et al.* Avaliação da Função Endotelial em Mulheres Climatéricas com Doença Arterial Coronariana. **International Journal of Cardiovascular Sciences**, v. 30, n. 3, p. 227-234, 2017. Disponível em: <http://www.onlineijcs.org/sumario/30/pdf/v30n3a06.pdf>. Acesso em 15 mai. 2019.

FERREIRA, I. C. C. C. *et al.* Menopausa, Sinais e Sintomas e seus Aspectos Psicológicos em Mulheres sem Uso de Reposição Hormonal. **Ensaio e Ciências: Biológicas, Agrárias e da Saúde**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.60-64, 2015. Disponível em: <http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/ensaioeciencia/article/view/3182/2921>. Acessado em 20 de maio de 2019.

FONTES, T. M. P *et al.* Osteoporose no climatério I: epidemiologia, definição, rastreamento e diagnóstico. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, mar.-abr. 2012. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-652205>. Acesso em 15 mai. 2019.

GIRI, A. *et al.* Genetic Determinants of Pelvic Organ Prolapse among African American and Hispanic Women in the Women's Health Initiative. **Plos One**. 6 nov. 2015. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0141647>. Acesso em 22 maio 2019.

HUANG, A. J. *et al.* The Day-to-Day Impact of Urogenital Aging: Perspectives from Racially/Ethnically Diverse Women. **Journal Of General Internal Medicine**, v. 25, n. 1, p.45-51, jan. 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11606-009-1135-1.pdf>. Acesso em 23 maio 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em 08 maio 2019.

LORENZI, D. R. S *et al.* Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 62, n. 2, p. 287-293, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n2/a19v62n2.pdf>. Acesso em 8 mai. 2019.

MEIRELLES, R. M. R. Menopausa e síndrome metabólica. **Arq Bras Endocrinol Metab**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p.91-96, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abem/v58n2/0004-2730-abem-58-2-0091.pdf>. Acesso em 18 mai. 2019.

MELO, C. S. B. *et al.* Declínio cognitivo e perimenopausa: revisão sistemática. **Sociedade Brasileira de Reprodução Humana**, v. 32, n. 2, p.132-137, mar. 2017. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1413208716300711?token=320B7682F972647C536F6CF793D24DA7470D177962D4DE743C14555BF75159CFE53F062BE8D1D49CDB9B81CE256B8B2E>. Acesso em 23 maio 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 8 mai. 2019.

PITOMBEIRA, R. *et al.* Sintomatologia e modificações no cotidiano das mulheres no período do climatério. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 16, n. 3, p.517-523, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/20913/16239>. Acesso em 20 mai. 2019.

PORTMAN, D. J. *et al.* Genitourinary Syndrome of Menopause: New Terminology for Vulvovaginal Atrophy from the International Society for the Study of Women's Sexual Health and The North American Menopause Society. **The Journal Of Sexual Medicine**, v. 11, p. 2865-2872. dez. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1743609515306354?via%3Dihub>. Acesso em 21 mai. 2019.

RAPOSO, J. V. *et al.* Estrutura fatorial e dados normativos da Escala Climatérica de Greene entre mulheres portuguesas na pós-menopausa. **Maturitas**, Portugal, v. 72, n. 3, p. 256-262, jul. 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378512212001491?via%3Dihub>. Acesso em 22 mai. 2019.

RODRIGUES, I. G.; BARROS, M. B. A. Osteoporose autorreferida em população idosa: pesquisa de base populacional no município de Campinas, São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.294-306, jun.2016. Disponível em:

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415790X2016000200294&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 18 mai. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. **Manual de Orientação em Climatério**. São Paulo, 2010, 217 p. Disponível em: https://www.febrasgo.org.br/images/arquivos/manuais/Manuais_Novos/Manual_Climaterio.pdf. Acesso em 8 mai. 2019.

SELBAC, M. T. *et al.* Mudanças comportamentais e fisiológicas determinadas pelo ciclo biológico feminino – climatério à menopausa. **Aletheia**, v. 51, n. 1-2, p.177-190, dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/4921/3268>. Acesso em 22 maio 2019.

SILVA, G. F. *et al.* Influências do climatério para o envelhecimento na percepção de mulheres idosas: subsídios para a enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 3, 7 abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/29072/20750>. Acesso em 20 mai. 2019.

SILVA, M. M. da *et al.* Evidências contemporâneas sobre o uso da terapia de reposição hormonal. **Braslian Journal Of Health Review**. Curitiba, p. 925-969. abr. 2019. Disponível em: <http://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/1269/1142>. Acesso em 23 maio 2019.

SOARES, C. B. *et al.* Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Rev. Esc Enferm USP**, v. 48, n. 2, p. 335-45, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/reeusp/article/view/84097/86950>. Acesso em 10 mai. 2019.

VALADARES, A. L. *et al.* Depoimentos de mulheres sobre a menopausa e o tratamento de seus sintomas. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 299-304, Aug. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302008000400013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 mai. 2019.